

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

GÊNERO E PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA REVISÃO DE ESCOPO DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE ARTIGOS EMPÍRICOS

Dalila Castelliano de Vasconcelos, Lívia Chaves, Lívia Braga de Sá Costa

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8183>

Submetido em: 2024-03-05

Postado em: 2024-04-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

LUCIVANDA CAVALCANTE BORGES DE SOUSA CAVALCANTE BORGES DE SOUSA (ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-0393-0102>)

ARTIGO

GÊNERO E PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA REVISÃO DE ESCOPO DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE ARTIGOS EMPÍRICOS

Dalila Castelliano de Vasconcelos¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9622-4057>

dalila_bal@hotmail.com.br

Lívia Chaves Nascimento²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9462-3222>

chaveslivian@gmail.com

Lívia Braga de Sá Costa³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9421-1145>

liviabsc@hotmail.com

¹ Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba (PB), Brasil.

² Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, Paraíba (PB), Brasil.

³ Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba (PB), Brasil.

RESUMO: O objetivo da presente revisão de escopo é analisar a produção mundial de artigos empíricos que abordam a relação entre as questões de gênero e a primeira infância, publicados até o ano de 2020. A busca foi feita nas bases de dados SciELO, PubMed, Periódicos CAPES e *Web of Science*, com a junção dos descritores 'Early Childhood' e 'Gender' nos títulos dos trabalhos, e seguiu as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR). Verificou-se que o tema é teorizado, principalmente, a partir da perspectiva dos países desenvolvidos e que a área de Educação, a qual mais apresenta contribuições e investiga as relações de gênero no contexto da Educação Infantil, aponta para a influência da estereotipagem de gênero nas práticas pedagógicas dos educadores. Além disso, embora conte com uma produção expressiva na última década, a temática carece de estudos que articulem outros condicionantes sociais, como raça e classe.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil, relações de gênero, educação infantil.

GENDER AND EARLY CHILDHOOD: A SCOPING REVIEW THE WORLDWIDE PRODUCTION OF EMPIRICAL ARTICLES

ABSTRACT: The main goal of this scoping review is to analyze the production of empirical studies worldwide which are targeted at the relation between gender issues and early childhood, published until the year 2020. The search was carried out in journals namely SciELO, PubMed, CAPES, and Web of Science, by joining the descriptors 'Early Childhood' and 'Gender' in titles of related articles; and followed recommendations by the Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR). It was found that the theme is theorized, as of the perspective of developed countries; and that the educational area, the one which contributes the most, and investigates gender relations in the context of Early Childhood Education, points to the influence of gender stereotyping in the educators' pedagogical practices. In addition, in spite of the fact that there

was a large production in the last decade, the theme still lacks studies that should bring up other social issues, such as the ones of race and class.

Keywords: child development, gender relations, early childhood education.

GÉNERO Y PRIMERA INFANCIA: UNA REVISIÓN DEL ALCANCE DE LA PRODUCCIÓN MUNDIAL DE ARTÍCULOS EMPÍRICOS

RESUMEN: El objetivo de esta revisión del alcance es analizar la producción mundial de artículos empíricos que abordan la relación entre las cuestiones de género y la primera infancia, publicados hasta el año de 2020. La búsqueda fue realizada en las bases de datos SciELO, PubMed, Periódicos CAPES y Web of Science, con la junción de los descriptores ‘Early Childhood’ y ‘Gender’ en los títulos de los trabajos, y siguió las recomendaciones del *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR). Se verificó que el tema se teoriza, principalmente, a partir de la perspectiva de los países desarrollados y que el área de Educación, que es la que más presenta aportes e investiga las relaciones de género en el contexto de la Educación Infantil, apunta hacia la influencia de los estereotipos de género en las prácticas pedagógicas de los educadores. Además, aunque cuente con una producción expresiva en la última década, la temática carece de estudios que articulen otros condicionantes sociales, como raza y clase.

Palabras-clave: desarrollo infantil, relaciones de género, educación infantil.

INTRODUÇÃO

O conceito de gênero apresenta um caráter fundamentalmente social e diferencia-se do termo ‘sexo’, que parte de uma determinação biológica (Scott, 1995). Segundo Louro (2018), a atribuição do gênero nos corpos se dá sempre em um contexto cultural, uma vez que é no movimento cultural que as significações e ressignificações do corpo são feitas, as quais se tornam históricas.

Desde a primeira infância, é possível identificar a influência das experiências sociais na construção de gênero. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2020), a primeira infância corresponde à faixa etária entre zero e seis anos. Trata-se de uma fase decisiva no desenvolvimento humano, em que se observa o aperfeiçoamento das capacidades cognitivas, emocionais e motoras. Posto isto, considera-se que entender que as interações sociais são atravessadas por construções de gênero desde a mais tenra idade é um componente essencial para se compreender o desenvolvimento infantil (Ruble et al., 2007).

De acordo com Bayet et al. (2015), os bebês com três meses e meio de vida já distinguem e preferem rostos femininos aos masculinos, o que evidencia um nível de estereotipagem que é fruto das experiências perceptuais de cuidado que os bebês vivenciam. Aos dois anos, as meninas demonstram rigidez em relação ao gênero, que se expressa, principalmente, na aparência, com comportamentos tipificados de gênero, como a insistência para usar roupas consideradas como próprias do gênero feminino (Halim et al., 2014). Por outro lado, Halim et al. (2021) apontam que os vínculos de amizade

formados entre crianças de gêneros diferentes promovem atitudes e juízos mais positivos em relação ao gênero oposto.

Nessa etapa da infância, as crianças têm como principais referências de comportamento as pessoas com quem convivem cotidianamente, que, na maioria das vezes, são os pais. Esse convívio exerce grande influência na socialização dos papéis de gênero na infância, uma vez que as crenças estereotipadas dos pais sobre o gênero dos seus filhos implicam em práticas também estereotipadas em relação a eles (Montgomery et al., 2017). De acordo com Shaffer e Kipp (2013), as crianças aprendem sobre um conjunto de ideais de comportamentos, sentimentos e ideias dos papéis sociais de gênero por meio da educação direta e da imitação por observação. Contudo, apesar da influência direta dos pais sobre os filhos, pesquisas mostram que a orientação sexual dos pais não está fortemente associada aos níveis de comportamento tipificado por gênero das crianças. Nesse sentido, fatores como a idade e o sexo da criança influenciam mais essa tipificação (Farr et al., 2018).

Além da família, outro importante contexto socializador vivenciado pelas crianças, ainda durante a primeira infância, é a escola (Gomes & Aquino, 2019), que é um espaço onde as normas de gênero podem ser reproduzidas por professores em suas práticas pedagógicas (Coelho et al., 2021), pois, quando são fundadas nas diferenças corporais entre meninos e meninas, são construídos entendimentos sobre o comportamento infantil que instauram um processo de vigilância constante não só pelos funcionários da escola, mas também pelas próprias crianças (Vianna & Finco, 2009). Dentro dessa lógica, as crianças que se desviam da normatividade do gênero podem ser rejeitadas por seus colegas e sofrer emocionalmente e fisicamente com isso (Miller et al., 2009).

Um momento importante em que os significados de gênero são produzidos pelas próprias crianças é o da brincadeira, que se constitui como a principal atividade infantil e está inserida no processo de produção cultural em que a criança está imersa (Barbato & Mieto, 2015). Às vezes, o brincar revela a naturalização de características de comportamentos sociais atribuídas ao sexo masculino e ao feminino, além de demandar coerência do indivíduo ao utilizar o brinquedo com as normas sociais de gênero impostas culturalmente (Coelho et al., 2021). De acordo com Todd et al. (2017), desde os nove meses de idade, as crianças já demonstram preferências por brinquedos estereotipados para seu gênero.

Diante da multiplicidade de formas que as construções de gênero atravessam a primeira infância, a presente pesquisa parte da seguinte problemática: qual o cenário da produção científica de artigos empíricos sobre as questões de gênero na primeira infância? A partir disso, o presente estudo tem o objetivo de, a partir de uma revisão de escopo, analisar a produção mundial de artigos empíricos que abordam a relação entre as questões de gênero e a primeira infância, publicados até o ano de 2020.

A escolha por tal método ocorre porque, além de sintetizar e caracterizar um determinado campo de estudo, ele pode, segundo Arksey e O'Malley (2005), apontar avanços, lacunas e fragilidades no desenvolvimento do campo científico analisado, através de um mapeamento da literatura. Segundo as mesmas autoras, a revisão de escopo é adequada para analisar um corpo amplo de pesquisas com desenhos metodológicos diferentes, tendo como finalidade sistematizar as evidências até então produzidas sobre determinado tema. Isso, por sua vez, pode favorecer a indicação de caminhos para superar possíveis lacunas com pesquisas futuras.

METODOLOGIA

Esta pesquisa seguiu as recomendações do *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews* – PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018) e está cadastrada no banco de dados internacional de protocolos de Revisão Sistemática Internacional *Prospective Register of on going Systematic Reviews* (PROSPERO, 2015), sob o número XXXXXXXXXXXX.

Ademais, a presente revisão seguiu a estratégia PCC, que se trata de um acrônimo de língua inglesa, em que, de forma traduzida, ‘P’ se refere a População; ‘C’ a Conceito; e ‘C’ para Contexto (Tricco et al., 2018). Nesta revisão, as crianças de zero a seis anos, ou outros atores que se relacionem diretamente com elas, como pais e educadores, representam a população; gênero é o conceito e o contexto é a própria primeira infância, um dos períodos de desenvolvimento humano que perpassa diferentes esferas sociais. Tal estratégia serviu para nortear a presente revisão, de forma que todos os componentes, objetivo, metodologia, resultados e discussões, foram estruturados a partir do acrônimo.

Estratégias de busca

A busca dos artigos foi feita nas plataformas Portal Periódicos CAPES e *Web of Science*, que foram acessadas por meio da identificação da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), que fornece uma quantidade maior de artigos nas bases indexadas. Além dessas, as buscas também foram realizadas nas bases SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e PubMed. Para obter os resultados, foram buscadas, nos títulos dos trabalhos, as combinações do descritor ‘early childhood’, associado por meio do booleano ‘AND’ ao descritor ‘Gender’. Foram incluídos todos os artigos sem restrição de idioma e publicados até o final de 2020. Os dados foram manipulados de novembro de 2020 até março de 2021.

Critérios de inclusão e exclusão

Para selecionar os artigos, foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: (I) artigos revisados por pares; (II) artigos publicados em qualquer país e idioma; (III) artigos que contemplassem a primeira infância, compreendida como o período entre zero e seis anos de idade; (IV) artigos empíricos e com dados primários; e (V) artigos publicados até 2020.

Concomitantemente, foram adotados os seguintes critérios de exclusão: (I) artigos que não contemplassem o tema ou exclusivamente a faixa etária estabelecida; (II) artigos repetidos nas bases de dados pesquisadas ou não localizados; (III) artigos que não atendessem ao formato de artigo científico; (IV) artigos teóricos ou bibliométricos; e (V) artigos em que adultos faziam referência às memórias de suas experiências da infância.

Seleção dos estudos

De acordo com o resultado encontrado na busca, duas pesquisadoras, de forma independente, avaliaram se as pesquisas haviam contemplado os critérios de seleção estabelecidos. Posteriormente, se houvesse divergência entre elas, ocorria a participação de uma terceira, que lia o artigo e, por meio de consenso com as demais, decidiria pela elegibilidade ou não do estudo.

Extração de dados

Dos artigos filtrados, foram extraídas as seguintes informações: tipo de análise (qualitativa, quantitativa ou ambas), área de publicação da revista, ano de publicação, localidade, participantes, instrumentos de pesquisa, objetivos e resultados.

Risco de viés

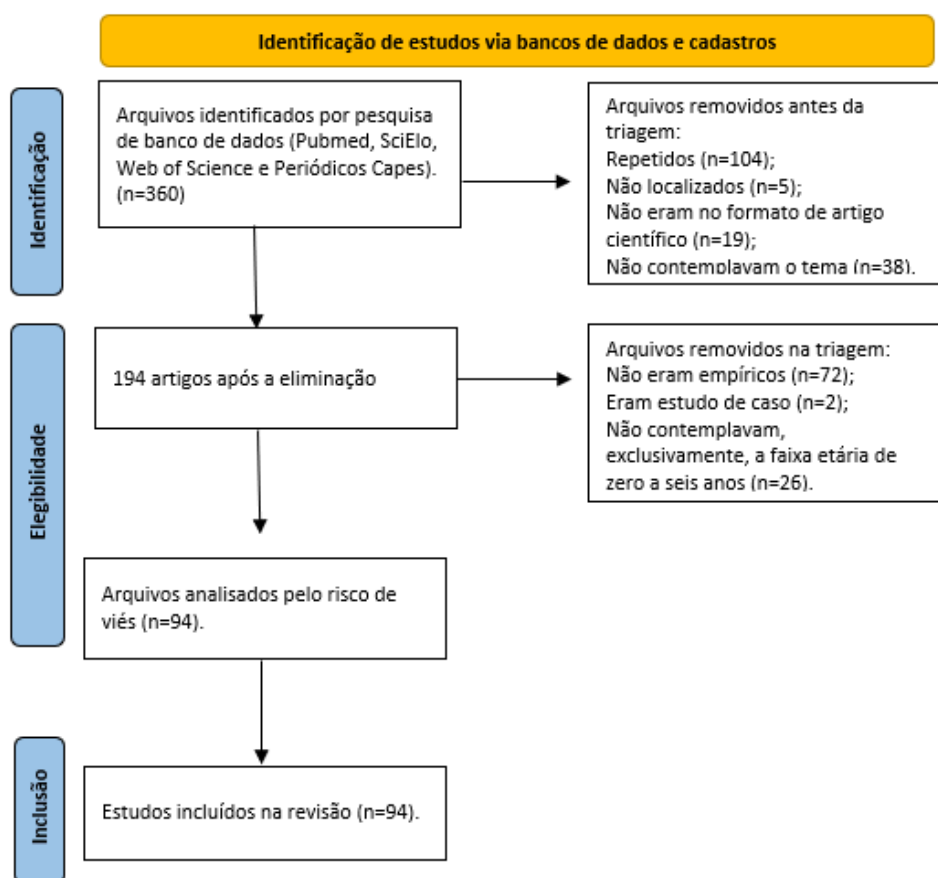
Com o objetivo de analisar a qualidade e o risco de viés dos estudos, foram utilizadas as seguintes escalas: para os estudos qualitativos, a escala *Appendix H Quality appraisal checklist - qualitative studies*, do *National Institute for Health and Care Excellence* (NICE, 2012); e para os estudos quantitativos, o instrumento *Quality Assessment Tool for Quantitative Studies* do *Effective Public Health Practice Project* (EPHPP, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da metodologia descrita, foram encontrados nas bases de dados 489 artigos. Depois de aplicados os critérios de exclusão e inclusão, 94 artigos compuseram o corpus final desta revisão de escopo, como demonstra a Figura 1.

Figura 1

Diagrama da pesquisa



Fonte: autoria própria, 2021.

Os 94 artigos que passaram pela triagem foram organizados na Tabela 1.

Tabela 1*Artigos selecionados para análise*

1981 - 1990				
1981	1982	1983	1984	1985
	1 Barnett e Kleiber			
1986	1987	1988	1989	1990
2 Skeen et al.				
1991 - 2000				
1991	1992	1993	1994	1995
	4 Beach 3 Williams e Ogletree			
1996	1997	1998	1999	2000
5 McFadyen-Ketchum et al.				8 Laevers e Verboven 7 Hyun e Tyler 6 Sugawara et al.
2001-2010				
2001	2002	2003	2004	2005
	10 Chick et al. 9 Pettit e Sugawara		16 Sargent 15 Zachopoulou et al. 14 Kerr et al. 13 Ostrov 12 Hyun e Choi 11 Fujita	20 Sandberg e Pramling-Samuelsson 19 Zupančič e Kavčič 18 Hall 17 Blaise
2006	2007	2008	2009	2010
		22 Karlson e Simonsson 21 Umek et al.		26 Ärlemalm-Hagsér 25 Waller 24 Schroeder et al. 23 Chen
2011-2020				
2011	2012	2013	2014	2015
27 Mansson	30 Millan 29 Goldberg et al. 28 Panfile et al.	37 Halim et al. 36 Dewar et al. 35 Sandström et al. 34 Wanless et al. 33 Baroody e Diamond 32 Buss-Simão 31 Oliveira et al.	38 Sandseter	48 Trawick-Smith et al. 47 Pirard et al. 46 Brody 45 Wohlgemuth 44 Sak, Şahin Sak e Yerlikaya 43 Hallström et al. 42 Tennhoff et al. 41 Brandes et al. 40 Zmyj e Bischof-Köhler 39 Silva e Bertuol
2016	2017	2018	2019	2020
56 Van der Wilt et al. 55 Breneselovic e Krnjaja 54 Kim (a) 53 Kim (b) 52 Servos et al. 51 Emilson et al. 50 Simpson e Linder 49 Chapman	66 Garcia 65 Campbell et al. 64 Price-Mohr e Price 63 Warin e Adriany 62 Fung e Cheng 61 Storli e Sandseter 60 Dinella 59 Halim et al. 58 Lastra 57 Santos	72 Grace e Eng 71 Benenson et al. 70 Sak 69 Xu e Waniganayake 68 Brekke Stangeland et al. 67 Filipovic	80 Warin 79 Meland et al. 78 Smith et al. 77 Åberg et al. 76 Rae et al. 75 Callahan e Nicholas 74 Lyttleton-Smith 73 Määttä et al.	94 Villodre 93 Josephidou 92 Rantala e Heikkilä 91 Sak e Şahin-Sak 90 Xu 89 Mérida-Serrano et al. 88 Meland 87 Cólis e Souza 86 Poblete Núñez 85 Roberts et al. 84 Bouchard et al.

				83 Santos e Silva 82 Heikkilä 81 Reddington
--	--	--	--	---

Fonte: autoria própria, 2021.

Estudos quantitativos e qualitativos

Verificou-se que 64 apresentaram análises qualitativas, e 30, quantitativas. A predominância de estudos qualitativos pode advir das peculiaridades do objeto de estudo que esse tipo de pesquisa se propõe a compreender, pois, segundo González (2020), essas pesquisas são impulsionadas, em geral, pela natureza dos processos das relações sociais e pelo interesse sobre a subjetividade da vida, sendo assim desenvolvidas no ambiente onde as situações investigadas acontecem. Dessa forma, de acordo com Ludke e André (2013), os significados que os participantes da pesquisa atribuem às coisas e à vida são os faróis que norteiam o pesquisador, pois sempre há uma tentativa de assimilar a perspectiva deles sobre as questões pesquisadas.

A pequena quantidade de estudos quantitativos pode ser analisada a partir de Somekh e Lewin (2015), os quais afirmam que por vezes essa análise é marcada pela rejeição e pelo preterimento dos pesquisadores das ciências humanas. Embora esse distanciamento seja notado, compreende-se que as pesquisas qualitativas procuram construir uma ponte entre a especificidade e o geral, ao tomar pra si, como dado, elementos tanto da realidade objetiva quanto dos discursos que a permeiam e são produzidos pelos sujeitos da pesquisa (González, 2020; Ludke & André, 2013), motivo que pode auxiliar o entendimento sobre a preferência no campo das ciências humanas de abordar tal assunto a partir de uma análise qualitativa. Posto isto, de todo modo, faz-se pertinente a indicação de Polit et al., (2004) a respeito das pesquisas quantitativas, pois elas podem contribuir para a investigação de fenômenos sociais, uma vez que buscam generalizar aspectos do objeto de estudo, a partir de uma amostra representativa que, em muitos casos, costumam ser maiores do que as amostras estudadas nas pesquisas qualitativas.

Não houve pesquisas que utilizaram, concomitantemente, análises qualitativas e quantitativas, apesar de elas oferecerem suporte para se entender bem mais o fenômeno estudado, pois as análises podem ser complementares (Lorenzini, 2017). Para Günther (2006), é necessário enxergar o processo da pesquisa como um mosaico, cujas peças individuais representam um espectro de técnica ou método diferente que juntos podem levar a resultados mais consistentes.

Risco de viés

De acordo com os critérios pré-estabelecidos pelo NICE (2012), 29 estudos alcançaram um padrão de qualidade bom, 23 foram avaliados como razoavelmente bons e 12 não conseguiram atingir as exigências e foram considerados ruins (4, 10, 27, 41, 42, 46, 47, 63, 77, 78, 86, 94). Já os artigos quantitativos, avaliados por meio do EPHPP (1998), foram categorizados da seguinte forma: seis foram classificados como fortes; 12, como moderados; e 13, como fracos (2, 3, 5, 19, 23, 33, 34, 38, 56, 62, 70, 79, 84). A maioria dos artigos quantitativos não obteve respostas positivas em relação aos

itens que tratavam sobre o controle das variáveis de confusão (14 artigos) e o relato de desistências ou retiradas dos participantes (19).

De modo geral, foi constatado que a maioria dos estudos foi avaliado com baixo risco de viés, o que indica mais consistência nos resultados encontrados para análise posterior. De acordo com Drucker et al. (2016), é necessário avaliar o risco de viés dos estudos primários selecionados, uma vez que eles influenciam diretamente a qualidade dos dados coletados da revisão de escopo. Paralelamente a esse entendimento, nesta pesquisa, os estudos com alto risco de viés também foram considerados para que se procedesse uma análise mais ampla do quadro de pesquisas realizadas internacionalmente sobre o tema.

Área da revista

Com base na análise do escopo das revistas, foi constatado que a área em que houve mais concentração de estudos sobre o tema pesquisado foi a de Educação (71 artigos). Duas outras áreas também tiveram um relativo destaque: a das revistas que se descrevem como sendo da área de Gênero (11) e a de Psicologia (10). As áreas de Sustentabilidade (1) e Filosofia (1) apresentaram uma publicação cada.

O grande destaque da Educação pode ser justificado porque a Educação Infantil se configura como um espaço social privilegiado para os estudos de gênero, uma vez que o sexo biológico das crianças ainda é um critério organizador do espaço e de práticas pedagógicas (SANTOS; SILVA, 2020). Por outro lado, o fato da área da Psicologia não ter tido tanta expressividade quanto a da Educação pode ser refletida a partir das suas preocupações em torno dos constructos primeira infância e gênero, uma vez que o primeiro é, historicamente, alvo de investigações da Psicologia do Desenvolvimento. Segundo Hillesheim e Guareschi (2007), essa vertente da Psicologia, por buscar os fatores externos e internos que influenciam o desenvolvimento da espécie humana, privilegia as características em comum entre os sujeitos em detrimento das diferenças que constituem as diversas realidades em que as crianças estão inseridas. Apesar da Psicologia do Desenvolvimento se apresentar como uma área diversa atualmente, parece que os resultados apontam para o fato da discussão sobre gênero na Psicologia está mais relacionada a outros campos como o da Psicologia Social e o da Saúde, que, historicamente, se debruçam sobre o assunto. Entretanto, tais áreas privilegiam, em suas pesquisas, participantes jovens e adultos, ou seja, com faixas etárias mais altas e com o foco na adolescência. Dessa forma, nem a criança, e muito menos a criança na primeira infância, aparece como foco de trabalhos que abordam gênero.

Ano

Nas bases de dados pesquisadas, não foram identificadas publicações antes da década de 1980. Partindo disso, as pesquisas foram categorizadas em quatro períodos, com intervalos de 10 em 10 anos: 1981-1990 (2 artigos publicados); 1991-2000 (5); 2001-2010 (19); e de 2011 a 2020 (68). Portanto,

é notório um crescimento exponencial das produções nas décadas analisadas que revela uma tendência crescente a se abordar o tema em questão.

Tanto a produção científica sobre gênero quanto os diversos entendimentos a seu respeito foram marcados pelas ondas do movimento feminista, mais especificamente a segunda, das décadas de 1960 a 1980, uma vez que ela trouxe outra dimensão para a luta dos direitos civis das mulheres ao problematizar a ideia da existência de uma essência feminina, do que é ser uma mulher, tendo Simone de Beauvoir como uma das principais expoentes. Na referida onda, foram criados os primeiros grupos acadêmicos interessados nessa questão (Silva et al., 2021).

A produção científica sobre gênero também foi influenciada de forma mais tímida pela terceira onda, que surgiu a partir dos meados dos anos 90 e agregou ao movimento outros condicionantes sociais que atravessavam o sujeito mulher, como a raça, a nacionalidade, a classe e a sexualidade (Silva et al., 2021). Esse histórico ilustra o fortalecimento do que Bandeira (2008) aponta sobre o gênero ser constituído como uma categoria analítica de caráter transversal no meio acadêmico, dado que se configura como um instrumento de análise para se entender a importância das relações de gênero na vida social e que repercute não só nas ciências humanas, mas também nos conhecimentos produzidos por outras áreas da ciência, por sua relevância no desenvolvimento de projetos científicos, institucionais e sociopolíticos.

Localidade

Em relação à localidade onde as pesquisas foram realizadas, elas foram organizadas de acordo com o país e o continente e de forma não excludente, uma vez que algumas envolveram países de diferentes continentes, como os artigos de número 16 (Indonésia e Suécia), 23 (Suíça, Estados Unidos, Holanda, Israel, Londres e Noruega), 63 (Estados Unidos, Taiwan, Coreia do Sul e China) e 90 (Noruega, Finlândia, Suécia, Dinamarca e Islândia).

Dentre os continentes, o europeu reúne a maior quantidade de publicações, 43 artigos. Logo atrás, o continente americano com 39 artigos. Vale ressaltar que, dessa expressiva quantidade, a América do Norte foi responsável pela maioria - 33 estudos - e a América Latina apenas por seis. A Ásia também apresentou publicações na área, mesmo que em pequena escala, 11 artigos. Por último, esteve presente a Oceania, com cinco estudos.

Na América Latina, a produção científica dos artigos sobre gênero e primeira infância só começou a dar seus primeiros passos na segunda década de 2000, e em apenas dois países, Brasil e Chile. No Brasil, os estudos de Guacira Lopes Louro, ainda na década de 1990, romperam não só com a ausência sintomática de pesquisas que relacionassem o contexto escolar com a produção das relações de gênero, mas também com a perspectiva teórico-metodológica, pois discutia tal relação à luz do pós-estruturalismo (Diniz, 2008). Observou-se que os estudos analisados na presente pesquisa e produzidos nesses países, em geral, não se comprometeram em pesquisar sobre esse assunto com outros fatores, como raça e classe. Esse fator se configura como uma lacuna neste campo, uma vez que, de acordo com Gomes (2018), compreender a interseccionalidade das relações de poder entre raça, gênero e sexo possibilita apreender melhor a complexidade das identidades e realidades distintas. Tal

dado parece indicar que os estudos aqui reunidos parecem limitar-se mais ao que Silva et al. (2021) descrevem como sendo próprias das discussões da segunda onda do movimento feminista.

Apesar da expressiva quantidade de artigos selecionados para a análise, não foram encontrados artigos produzidos no continente africano que atendessem aos critérios de inclusão deste estudo, embora as correntes feministas tenham sido influentes na África a partir da segunda metade do Século XX, o que resultou em um aumento significativo de estudantes nos centros acadêmicos, por meio de elaboração de programas e projetos de pesquisa sobre o estudo de gênero (Gasparetto, 2020). Assim, o tópico específico sobre as relações de gênero durante a primeira infância parece ainda não ser estudado no continente, apesar da resistência ao regime colonial e da luta das mulheres por sua libertação, como comentado pela autora supracitada, que aponta para o indício da relação entre o começo dos estudos de gênero na África e a recente abertura para o desenvolvimento do ensino superior no continente.

Participantes

Nos estudos observados, os participantes mais abordados nas pesquisas foram as crianças (34 artigos). Também foram recorrentes as pesquisas que prestigiaram unicamente os educadores (28). Porém, só um estudo abordou exclusivamente os pais. Houve, ainda, produções que se utilizaram de multi-informantes: crianças e educadores (15); crianças e seus pais (9); pais e educadores (3); pais, educadores e crianças (4) e professores e funcionários (da escola e do município) (1).

A expressiva participação de crianças nas pesquisas demonstra a preocupação dos pesquisadores em resgatar a perspectiva delas sobre as questões abordadas. Essa atenção aos sujeitos crianças toma corpo ao acompanhar a mudança de paradigma sobre as representações de criança a medida em que começam a ser entendidas como atores sociais (Sarmiento, 2005). Segundo Zandomínegue et al., (2020), as crianças produzem cultura, as quais expressam suas diferentes perspectivas de suas realidades, e que, por isso, representá-las nas pesquisas como sujeitos capazes de dizer o que pensam e vivem pode ser um meio útil para dar visibilidade a esse grupo social que, historicamente, tem sido desconsiderado. Corroborando com tal afirmação, Sarmiento (2005) discute que a criança não recebe uma cultura produzida pelos adultos pronta, mas atua transformando-a, seja pelo modo como interpreta e internaliza, seja na forma como produz efeito sobre ela, atravessando-a em suas práticas.

Instrumentos de pesquisa

As pesquisas apresentaram uma ampla variedade de instrumentos, a saber: entrevista (19 artigos); observação (15), que contempla registro escrito, fotográfico e audiovisual; questionários (5); escalas (12); testes (2); experimentos (2) e inventários (2). Algumas trabalharam com o agrupamento de dois instrumentos: entrevista com observação (12); questionário com escala (1), com teste (2) e com entrevista (2); teste com escala (2); observação com escala (7); formulário com escala (1); experimento e análise de discussão de grupo (1) e oficina com entrevista (1). Por fim, houve pesquisas que trabalharam com mais de dois instrumentos, como: observação, entrevistas e artefatos pessoais (3); escala,

observação e jogo (1); questionário, escala e sessão de jogos (1); observação, entrevista e desenhos (1) e observação, entrevista e documentos (1).

Entre os recursos metodológicos identificados, a entrevista foi o mais utilizado para abordar a questão de gênero na primeira infância, devido à oportunidade de, por meio dela, captar os significados construídos a partir de uma determinada realidade social, seja ela coletiva ou individual, como também de esquematizar elementos culturais de um grupo específico (Ludke & André, 2013). Além disso, a entrevista tem a vantagem de poder ser aplicada em pessoas de diferentes faixas etárias e incluir tópicos que não foram previamente roteirizados, dando mais autonomia ao pesquisador para adequar essa técnica para sua pesquisa (Busetto et al., 2020).

É importante salientar o tímido número de pesquisas que lançaram mão de mais de dois instrumentos de coleta de dados, visto que a triangulação de métodos possibilita ao pesquisador ampliar o universo informacional e interpretar as informações por mais de um caminho, a fim de atribuir maior valor qualitativo à pesquisa (Suto et al., 2021).

Objetivos dos estudos analisados

No tocante aos objetivos das pesquisas analisadas, eles foram organizados a partir do eixo norteador pesquisado - gênero e educação infantil - em oito categorias, a saber: a) Compreender a relação entre gênero, atuação e prática pedagógica na Educação Infantil (31 artigos); b) Discutir sobre gênero nos aspectos e nas interações interpessoais no contexto da Educação Infantil (22); c) Analisar as relações de gênero nos corpos e nas brincadeiras/brinquedos das crianças (15); d) Discutir gênero e sua relação com as habilidades linguísticas na Educação Infantil (8); e) Analisar a presença do homem na Educação Infantil (8); f) Discutir sobre diferenças de gênero nas expressões emocionais e comportamentais das crianças (5); g) Examinar os conflitos familiares e sua relação com gênero (4); e h) Avaliar o efeito de intervenções institucionais para a promoção da igualdade de gênero na primeira infância (1).

Observou-se que um contexto privilegiado para se pesquisar sobre gênero e primeira infância foi o da Educação Infantil, por ser um espaço estratégico de investigação das interações interpessoais das crianças entre si e com os adultos, no qual elas estabelecem um vínculo entre as experiências intraescolares e as extraescolares (Santos & Silva, 2016). Esse espaço também perpassou pelos estudos que procuraram compreender o papel do gênero nas brincadeiras e brinquedos das crianças, haja vista que essa categoria é associada, muitas vezes, às expectativas dos professores sobre os comportamentos e preferências das crianças em relação ao brincar (Coelho et al., 2021). Porém, poucos artigos se dedicaram a investigar o tema dentro do espaço doméstico, embora esse seja o ambiente primário de socialização de gênero onde, de acordo com Jeong et al., (2021), a influência parental sobre a criança, ainda na primeira infância, favorece diferentes aspectos do desenvolvimento, como o cognitivo, o psicomotor e o socioemocional.

Destaca-se também os estudos que objetivaram discutir as diferenças de gênero nos comportamentos e emoções das crianças, os quais procuraram, muitas vezes, no contexto da Educação Infantil, investigar se havia diferença entre os mecanismos de controle de emoções e comportamentos

agressivos de crianças a depender do gênero. Tais pesquisas se fazem relevantes, uma vez que as atitudes e emoções fazem parte da complexa rede das relações sociais estabelecidas desde a mais tenra idade, a qual pode se definir como uma rede de conflitos, de tensões sociais entre as próprias crianças quando uma delas não segue os estereótipos de gênero nas suas atitudes ou não se identifica com traços de personalidade também definidas pela estereotipagem (Miller et al., 2009).

Resultados dos estudos analisados

Os resultados dos estudos analisados foram organizados em oito categorias construídas em consonância com as categorias dos objetivos: a) Os resultados mostraram que visões estereotipadas de gênero influenciam as práticas pedagógicas dos educadores: alguns estudos apontaram que os professores reforçam esses estereótipos, já outros mostram as possibilidades para a superação dessas visões (31 artigos); b) Os resultados identificaram que as crianças atribuem significados às coisas e à vida mediante às experiências construídas socialmente, as quais são influenciadas pelo papel de gênero e pela identidade de gênero (22); c) Os resultados expuseram diferenças nas escolhas das brincadeiras e dos brinquedos a partir do sexo das crianças e de outros fatores, como o nível socioeconômico, a etnia, o tempo do brinquedo disponível e a preferência dos pais por comportamentos generificados dos filhos a partir do sexo da criança (15); d) Os resultados das pesquisas identificaram que as meninas se desenvolvem mais rápido na compreensão da linguagem do que os meninos, e foi verificado que, para os meninos, há uma relação positiva entre a competência comunicativa oral e a aceitação pelos pares (8); e) Os resultados atentaram para o reduzido, porém crescente, número de educadores do sexo masculino na Educação Infantil, e observam que a abordagem pedagógica de educadores do sexo masculino e do feminino ora apresenta diferenças, ora não se diferencia (8); f) Os resultados revelaram que, ao pesquisar meninas e meninos, estes últimos foram mais associados à expressões positivas, como senso de humor e alegria, e negativas, como raiva e frustração. Já as meninas foram mais associadas às expressões emocionais neutras, calmas e pacíficas quando comparadas com os meninos (5); g) Os resultados indicaram que o contexto familiar exerce grande influência no comportamento das crianças tipificado por gênero (4); h) Os resultados mostraram que aprender ciência ativamente desenvolve nas crianças atitudes positivas em relação a seu respeito e que aprender sobre a presença de mulheres nesse cenário propicia um ambiente de socialização positiva em relação à ciência (1).

Os resultados, em conjunto, explicitam como pais, professores e pares podem colaborar para a tipificação de gênero do comportamento das crianças ainda na primeira infância. Essa ação pode favorecer a escolha dos pares das crianças, que é feita com base nos interesses semelhantes em atividades tipificadas de gênero. Essa preferência, por sua vez, pode exercer uma pressão nas crianças para que se adéquem à conformidade de gênero, segundo Martin et al. (2013). Por isso, é importante estar atento para a perpetração de estereótipos de gênero durante a primeira infância que restrinjam possibilidades de desenvolvimento e experiências sociais diferentes para meninas e meninos.

Os resultados da categoria “a” reforçam o que outros estudos apontam sobre a influência de crenças sobre os gêneros, construídas culturalmente nas práticas pedagógicas dos professores na Educação Infantil. McCabe (2022) aponta que esses sujeitos entendem que há uma permanência entre a

performance de gênero das crianças, no tocante aos comportamentos e as preferências das crianças por brinquedos ditos femininos ou masculinos, e os interesses das crianças na vida adulta, indicando uma estabilidade a partir dos estereótipos das brincadeiras, se é feminina ou masculina.

Logo, se faz necessário observar os processos formativos dos professores, assim como as políticas educacionais que regem o trabalho docente e os respectivos projetos pedagógicos das escolas onde esses profissionais trabalham. Posto isto, um dado interessante é que nem mesmo os países que mais publicaram sobre a temática gênero e primeira infância, especialmente os países nórdicos, não têm trabalhado sistematicamente com um planejamento que vise a promoção da igualdade de gênero dentro das escolas (Heikkilä, 2020).

Corroborando com os resultados da categoria discutida acima, os resultados da categoria “b” atentam sobre o processo de significação das coisas pelas crianças para além da influência das crenças estereotipadas ou não dos seus professores. Na infância, há outras instâncias que influenciam tão quanto a escola, como a família, a mídia e os próprios colegas de turma (Gomes & Aquino, 2019). Como um ser social, a criança estabelece relações sociais no seu processo de socialização. Esse processo dura por toda a vida e as relações são marcadas por regras e valores referentes a um determinado espaço e tempo.

A categoria “c” tem sua relevância justificada pelo caráter simbólico dos brinquedos e das brincadeiras, os quais se apresentam como elementos importantes para se analisar as práticas sociais de determinada cultura, inclusive as de gênero (Gosso, Morais & Otta, 2006). As pesquisas têm evidenciado a segregação entre meninos e meninas dentro das situações de brincadeiras, em que o sexo é a categoria organizadora das relações entre eles e, muitas vezes, o brinquedo é a concretude dessa segregação devido à estereotipagem de gênero atribuída a esses artefatos culturais (Wanderlind et. al, 2006; Kishimoto & Ono, 2008). Portanto, verifica-se a preferência de meninos e meninas em se agruparem com seus pares do mesmo sexo, pois, segundo Pontes, Magalhães e Martin (2008), é uma oportunidade social para que os meninos reforcem a masculinidade e as meninas a feminilidade. Entretanto, Pontes, Magalhães e Martin (2008) também mostram que as brincadeiras e os brinquedos escolhidos sofrem grande interferência da composição grupal, ou seja, nos grupos mistos, meninos e meninas, observou-se que as preferências não se concentravam em nenhum dos dois nichos, mas coexistiam brincadeiras e brinquedos de interesse de meninos e meninas.

Quanto à categoria “d”, os resultados dos estudos entram em conformidade com os dados coletados na pesquisa de Adani e Capanec (2019) ao frisar o desenvolvimento mais rápido das habilidades verbais por parte das meninas. Por outro lado, Braz (2002), na sua pesquisa sobre estilos comunicativos maternos, ressalta que a interação social é, antes de tudo, responsável por essas diferenças de gênero ao mostrar que o gênero pode condicionar estilos interativos específicos não só por se tratar de menina ou menino, mas por essa característica influenciar o tipo de relação que a criança tem com sua mãe. Nesse sentido, antes de qualquer tentativa biologizante do desenvolvimento das habilidades linguísticas da criança em relação ao gênero, precisa-se ter como parâmetro a dimensão social e cultural desses sujeitos e suas relações com os demais.

A categoria “e” trata de uma questão cara aos estudos feministas, uma vez que a ausência de educadores do sexo masculino nessa etapa da educação expressa as desigualdades sistemáticas na

divisão do trabalho em que o gênero atua como categoria fundamental na atribuição de atividades de caráter produtivo para os homens e reprodutivo para as mulheres (Hirata & Kergoat, 2007). Diante disso, o trabalho com bebês e crianças, por estar culturalmente associado ao trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, compõe, portanto, parte das atividades socialmente representadas como naturais da mulher. Nesse contexto, homens que subvertem a ordem hegemônica e optam por exercer a docência na Educação Infantil podem sofrer com a segregação imposta pela comunidade e pela própria instituição escolar, como apontam Monteiro e Altmann (2014). As autoras comentam que o estranhamento da presença do corpo masculino na instituição vai além do questionamento sobre sua escolha profissional; atinge, principalmente, a preocupação com os cuidados corporais destinados às crianças menores. Nesse sentido, mecanismos de segregação são constantemente adotados pela creche, como realocar o educador para turmas de crianças maiores ou realocar a própria criança, por parte da família, para uma turma com uma educadora. Vasconcelos, Borges e Salomão (2020) salientam que, embora haja a resistência por parte de pais e educadoras, a presença de homens na Educação Infantil pode contribuir para o desenvolvimento infantil, ao passo em que possibilita um contexto em que as crianças possam internalizar representações menos rígidas do que é ser homem e mulher.

No que diz respeito a categoria “f”, as pesquisas reunidas trazem subsídios para refletir sobre problemas de comportamento externalizantes em que os meninos apresentam maiores taxas (Chen, 2010); além disso, Roberts et al. (2020) apontaram que, em seu estudo sobre situações hipotéticas nas quais a criança precisava disputar um recurso com outra, as respostas dos meninos eram significativamente mais coercitivas do que as das meninas; por outro lado, Ostrov et al. (2004) mostraram que as meninas sofrem maior agressão relacional, ou seja, tem maior intuito de prejudicar o outro ou um relacionamento. Já Zachopoulou et al. (2004) identificaram que os meninos tiveram maior pontuação quando se tratava do comportamento lúdico, que envolve fatores como espontaneidade física, social e cognitiva, senso de humor e expressão de alegria; o último estudo analisado nessa categoria identificou diferenças entre meninos e meninas quanto à regulação comportamental, a diferença também foi verificada quando a nacionalidade dessas crianças eram levadas em consideração, por exemplo, as meninas estadunidenses apresentaram uma regulação comportamental individual maior do que a dos meninos do mesmo país, entretanto, essa diferença significativa entre gênero não foi verificada nos países asiáticos (Wanless et al., 2013).

Os resultados aqui expostos na categoria “f” apontam para o movimento citado por Nucci (2019), em muitas áreas do conhecimento que procuram superar o dualismo entre natureza e cultura, sexo e gênero. Na neurociência, esse movimento ganha destaque no grupo de pesquisadores da rede *NeuroGenderings*, os quais rejeitam o antibiologicismo à medida em que incluem o corpo biológico nas discussões feministas (Nucci, 2019). Segundo a autora, os neurofeministas, como se intitulam, procuram enfatizar a indissociabilidade entre as categorias sexo e gênero, por isso utilizam o termo “sexo/gênero” para expressar essa concepção, enxergam-no, assim, como um fenômeno complexo que tanto é biológico quanto cultural, sem que haja domínio de um sobre o outro. Entretanto, a maioria dos estudos analisados nesta pesquisa não discutem tais diferenças à luz da categoria analítica de gênero, ou seja, abrem margem para a interpretação naturalizante das possíveis diferenças encontradas.

A categoria “g” trouxe dados relevantes sobre as formas que a instituição social família tem

influenciado o comportamento estereotipado de gênero. Uma revisão sistemática sobre os efeitos da parentalidade generificada no desenvolvimento infantil encontrou indícios consistentes de que os pais respondem de maneira diferente a depender do sexo do filho (Morawska, 2020), o que refletiu em alguns comportamentos observados, como demonstrações de afeto e agressividade. A relação estabelecida entre pais e filhos não é unilateral. Gibim e Muller (2018), em sua pesquisa sobre as representações das crianças sobre família e gênero, mostraram que as crianças estão em constante contato com a cultura estabelecida e, ao mesmo tempo, interpretando-a ao seu modo, inclusive, as representações sociais de gênero. A autora verificou, a partir dos desenhos das crianças, que elas internalizam elementos da cultura generificada ao atribuir as atividades domésticas e de cuidado às mulheres de sua família. Corroborando com o que foi discutido, Montgomery et al. (2017) ressaltam que a convivência dentro desse contexto socializador primário, que é a família, é importante para a apreensão das funções socialmente atribuídas a homens e mulheres, os quais podem culminar em comportamentos também estereotipados.

Por fim, a categoria “h”, apesar de contar com apenas um estudo, discute uma questão relevante na atualidade: a inserção de mulheres na produção do conhecimento científico. O estudo aqui analisado (Mérida-Serrano et al., 2020) trata da avaliação de um programa que visa expandir o conhecimento de crianças sobre mulheres que são pesquisadoras com o intuito de construir uma representação de ciência inclusiva. Os resultados mostraram que o programa respondeu de forma satisfatória ao seu objetivo, uma vez que aponta para um contexto socializador positivo, no qual atitudes e conhecimentos mais igualitários são propícios de serem desenvolvidos. Compreender a historicidade do lugar da mulher na ciência, como campo histórico, social e político, o qual já serviu para legitimar discursos preconceituosos, é considerar esse lugar condicionado aos valores e padrões masculinos que, por vezes, dificultam a participação da mulher na ciência, uma vez que restringem e direcionam as possibilidades de atuação no campo científico (Silva & Ribeiro, 2014). Nesse sentido, a mudança dessa condição de participação implica na subversão do modelo hegemônico na atualidade, o qual estabelece hierarquias binaristas a partir do gênero (Scott, 1995). Posto isso, o programa avaliado na pesquisa se relaciona com a tentativa de questionar e refletir sobre os padrões impostos do que é a ciência e de quem pode fazê-la.

Ao considerar as categorias supracitadas, nota-se que o campo sobre gênero e primeira infância conta com uma literatura considerável que perpassa desde as práticas parentais e pedagógicas até as relações estabelecidas pelas próprias crianças. Desse modo, verifica-se que os bebês e as crianças contam com vários sujeitos e contextos socializadores, como o espaço doméstico e o da Educação Infantil, onde as relações de gênero são construídas nas múltiplas interações estabelecidas, que não são estanques, pelo contrário, se inter cruzam na rede das relações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo, constatou-se que os pesquisadores, especialmente os da Europa e da América do Norte, procuraram explorar a temática por meio dos comportamentos dos agentes envolvidos no contexto da primeira infância, em especial, dos atores presentes no espaço escolar. Em geral, são artigos escritos a partir da perspectiva das ciências humanas, sobretudo da

Educação, pois partem da perspectiva da construção social de gênero. Ademais, verificou-se que o tema gênero e primeira infância tem sido pesquisado principalmente na última década.

Apesar da contribuição que este artigo pode oferecer, suas limitações também devem ser mencionadas. O presente estudo partiu do princípio da parcimônia, em que foi considerado o número de artigos a serem analisados e categorizados e o aprofundamento da discussão. Assim, é sabido que um número maior de bancos de dados para identificar artigos poderia ampliar, ainda mais, a quantidade deles para a análise e, conseqüentemente, fundamentar com mais consistência os dados primários deste estudo. Se, por um lado, esse movimento pode propiciar uma visão ainda mais panorâmica sobre o que as pesquisas sobre o tema “gênero” e “primeira infância” tem abordado, por outro, o número elevado de artigos a serem categorizados pode limitar uma análise mais profunda. Dessa forma, trabalhos que tenham como objetos de estudo temáticas mais específicas, como as descritas nas categorias, também podem oferecer importantes contribuições.

Exposto isso, apontam-se demandas importantes para futuras pesquisas sobre as questões de gênero e a primeira infância, a fim de preencher as lacunas apresentadas nas produções científicas observadas. Dentre elas, o inquietante e profundo vazio de informações sistematizadas sobre como as relações entre gênero e primeira infância se dão nos contextos dos países africanos. As várias dimensões da infância das crianças africanas precisam ter um lugar nos espaços de produção científica. Ainda mais, a ausência de estudos que correlacionem diferentes fatores, como gênero, classe, raça e etnia, abre uma janela para pesquisas que queiram movimentar essas discussões que são necessárias, sobretudo, em países emergentes.

Outrossim, um aspecto metodológico que poderia ser explorado nos temas abordados é a análise qualitativa e quantitativa dos dados simultaneamente, pois oferece ao pesquisador resultados ainda mais consistentes. Esses apontamentos se sustentam na importância das produções acadêmicas para identificar questões pertinentes e orientar a sociedade em geral para discutir sobre elas e superá-las.

REFERÊNCIAS

- Åberg, M., Hedlin, M., & Johansson, C. (2019). Preschool anxieties: Constructions of risk and gender in preschool teachers' talk on physical interaction with children. *Journal of Early Childhood Research: ECR*, 17(2), 104–115. <https://doi.org/10.1177/1476718x18816347>
- Adani, S., & Capanec, M. (2019). Sex differences in early communication development: behavioral and neurobiological indicators of more vulnerable communication system development in boys. *Croatian Medical Journal*, 60(2), 141–149. <https://doi.org/10.3325/cmj.2019.60.141>
- Arksey, H., & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8(1), 19–32. <https://doi.org/10.1080/1364557032000119616>
- Ärlemalm-Hagsér, E. (2010). Gender choreography and micro-structures: early childhood professionals' understanding of gender roles and gender patterns in outdoor play and learning. *European Early Childhood Education Research Journal*, 18(4), 515–525. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2010.525951>

- Bandeira, L. (2008). A contribuição da crítica feminista à ciência. *Estudos Feministas*, 16(1), 207–228. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2008000100020>
- Barbato, S. B., & Mieto, G. M. (2015). O brincar, a construção de conhecimentos e a convivência. In D. N. H. Silva & F. S. D. de Abreu (Orgs.), *Vamos brincar de quê? Cuidado e educação no desenvolvimento infantil* (pp. 93–112). Summus.
- Barnett, L. A., & Kleiber, D. A. (1982). Concomitants of playfulness in early childhood: Cognitive abilities and gender. *The Journal of Genetic Psychology*, 141(1), 115–127. <https://doi.org/10.1080/00221325.1982.10533462>
- Baroody, A. E., & Diamond, K. E. (2013). Measures of preschool children's interest and engagement in literacy activities: Examining gender differences and construct dimensions. *Early Childhood Research Quarterly*, 28(2), 291–301. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2012.07.002>
- Bayet, L., Quinn, P. C., Tanaka, J. W., Lee, K., Gentaz, É., & Pascalis, O. (2015). Face gender influences the looking preference for smiling expressions in 3.5-month-old human infants. *PloS One*, 10(6), e0129812. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0129812>
- Beach, B. A. (1992). Teaching, nurturing, and gender across three generations of rural early childhood teachers. *Early Childhood Research Quarterly*, 7(3), 463–480. [https://doi.org/10.1016/0885-2006\(92\)90032-t](https://doi.org/10.1016/0885-2006(92)90032-t)
- Benenson, J. F., Duroskey, A., Nguyen, J., Crawford, A., Gauthier, E., & Dubé, É. (2019). Gender differences in egalitarian behavior and attitudes in early childhood. *Developmental Science*, 22(2), e12750. <https://doi.org/10.1111/desc.12750>
- Blaise, M. (2005). A feminist poststructuralist study of children “doing” gender in an urban kindergarten classroom. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1), 85–108. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2005.01.002>
- Bouchard, C., Sylvestre, A., Leblond, J., & Trudel, J. (2020). Prosocialité perçue par les éducatrices en centre de la petite enfance et pragmatique du langage des enfants de 4 ans : une question de genre? *European review of applied psychology*, 70(6), e100602. <https://doi.org/10.1016/j.erap.2020.100602>
- Brandes, H., Andrä, M., Röseler, W., & Schneider-Andrich, P. (2015). Does gender make a difference? Results from the German ‘tandem study’ on the pedagogical activity of female and male ECE workers. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(3), 315–327. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2015.1043806>
- Braz, F. de S., & Salomão, N. M. R. (2002). A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações. *Psicologia*, 15(2), 333–344. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722002000200011>
- Brekke Stangeland, E. B., Lundetræ, K., & Reikerås, E. (2018). Gender differences in toddlers' language and participation in language activities in Norwegian ECEC institutions. *European Early Childhood Education Research Journal*, 26(3), 375–392. <https://doi.org/10.1080/1350293X.2018.1463905>

- Breneselovic, D. P., & Krnjaja, Ž. (2016). Discourses on gender in early childhood education and care (ECEC) setting: Equally discriminated against. *Journal of Pedagogy*, 7(2), 51–77. <https://doi.org/10.1515/jped-2016-0011>
- Brody, D. L. (2015). The construction of masculine identity among men who work with young children, an international perspective. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(3), 351–361. <https://doi.org/10.1080/1350293X.2015.1043809>
- Busetto, L., Wick, W., & Gumbinger, C. (2020). How to use and assess qualitative research methods. *Neurological Research and Practice*, 2(1), n.p. <https://doi.org/10.1186/s42466-020-00059-z>
- Buss-Simão, M. (2013). Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. *Revista Brasileira de Educação*, 18(55), 939–960. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782013000400008>
- Callahan, S., & Nicholas, L. (2019). Dragon wings Callahan and butterfly wings: implicit gender binarism in early childhood. *Gender and Education*, 31(6), 705–723. <https://doi.org/10.1080/09540253.2018.1552361>
- Campbell, S., Smith, K., & Alexander, K. (2017). Spaces for gender equity in Australian early childhood education in/between discourses of human capital and feminism. *Australasian Journal of Early Childhood*, 42(3), 54–62. <https://doi.org/10.23965/ajec.42.3.07>
- Chapman, R. (2016). A case study of gendered play in preschools: how early childhood educators' perceptions of gender influence children's play. *Early Child Development and Care*, 186(8), 1271–1284. <https://doi.org/10.1080/03004430.2015.1089435>
- Chen, J. J.-L. (2010). Gender differences in externalising problems among preschool children: implications for early childhood educators. *Early Child Development and Care*, 180(4), 463–474. <https://doi.org/10.1080/03004430802041011>
- Chick, K. A., Heilman-Houser, R. A., & Hunter, M. W. (2002). The Impact of Child Care on Gender Role Development and Gender Stereotypes. *Early Childhood Education Journal*, 29(3), 149–154. <https://doi.org/10.1023/a:1014528424032>
- Coelho, J. S., Martins, P. R., Silva, A. L. dos S., & Berlese, D. B. (2021). Expectativas de gênero e seus atravessamentos nas brincadeiras da educação infantil. *Journal of Physical Education*, 32(1), e3216. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3216>
- Cólis, E. B., & Souza, L de L. (2020). Infâncias, Gênero e Sexualidades: Uma Investigação-Intervenção com Professores de Educação Infantil. *Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva*, 14(1), 53–68. <https://doi.org/10.4067/s0718-73782020000100053>
- Dewar, B. A., Servos, J. E., Bosacki, S. L., & Coplan, R. (2013). Early childhood educators' reflections on teaching practices: the role of gender and culture. *Reflective Practice*, 14(3), 381–391. <https://doi.org/10.1080/14623943.2013.767234>
- Dinella, L. M. (2017). Halloween costume choices: Reflections of gender development in early childhood. *The Journal of Genetic Psychology*, 178(3), 165–178. <https://doi.org/10.1080/00221325.2017.1295223>

- Drucker, A. M., Fleming, P., & Chan, A.-W. (2016). Research techniques made simple: Assessing risk of bias in systematic reviews. *The Journal of Investigative Dermatology*, 136(11), e109–e114. <https://doi.org/10.1016/j.jid.2016.08.021>
- Emilson, A., Folkesson, A.-M., & Lindberg, I. M. (2016). Gender beliefs and embedded gendered values in preschool. *International Journal of Early Childhood*, 48(2), 225–240. <https://doi.org/10.1007/s13158-016-0162-4>
- Effective Public Health Practice Project. (1998). Quality assessment tool for quantitative studies. Effective Public Health Practice Project. Recuperado em 15 de abril de 2021, de <https://www.nccmt.ca/knowledge-repositories/search/14>
- Farr, R. H., Bruun, S. T., Doss, K. M., & Patterson, C. J. (2018). Children's gender-typed behavior from early to middle childhood in adoptive families with lesbian, gay, and heterosexual parents. *Sex Roles*, 78, 528–541. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0812-5>
- Filipovic, K. (2018). Gender representation in children's books: Case of an early childhood setting. *Journal of Research in Childhood Education*, 32(3), 310–325. <https://doi.org/10.1080/02568543.2018.1464086>
- Fujita, Y. (2004). Reconsidering “Gender Identity Formation” during Early Childhood. *The Journal of Educational Sociology*, 74, 329–348. <https://doi.org/10.11151/eds1951.74.329>
- Fung, W.-K., & Cheng, R. W.-Y. (2017). Effect of school pretend play on preschoolers' social competence in peer interactions: Gender as a potential moderator. *Early Childhood Education Journal*, 45(1), 35–42. <https://doi.org/10.1007/s10643-015-0760-z>
- Garcia, L. M. (2017). Socialización diferenciada por razón de género en Educación Infantil: un estudio etnográfico. *Revista Complutense de Educación*, 29(3), 919–934. <https://doi.org/10.5209/rced.54263>
- Gasparetto, V. F. (2020). O campo dos estudos de gênero em Moçambique/África. *Estudos Feministas*, 28(1), e68326. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n168326>
- Gibim, A. P. P. G., & Müller, F. (2018). O que crianças pensam sobre família e relações de gênero?. *Zero-a-Seis*, 20(37), 76–94. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p76>
- Goldberg, A. E., Kashy, D. A., & Smith, J. Z. (2012). Gender-typed play behavior in early childhood: Adopted children with lesbian, gay, and heterosexual parents. *Sex Roles*, 67, 503–515. <https://doi.org/10.1007/s11199-012-0198-3>
- Gomes, C. D. M. (2018). Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 65. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.28209>
- Gomes, L. O., & Aquino, L. M. L. de. (2019). Crianças e infância na interface da socialização. Questões para a educação infantil. *EccoS—Revista Científica*, 50, e14092. <https://doi.org/10.5585/eccos.n50.14092>
- González, F. E. (2020). Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(17), 155–183. <https://doi.org/10.33361/rpq.2020.v.8.n.17.322>

- Gosso, Y., Morais, M. de L. S. e., & Otta, E. (2006). Pivôs utilizados nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças brasileiras de cinco grupos culturais. *Estudos de psicologia*, 11(1), 17–24. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2006000100003>
- Grace, K., & Eng, S. (2019). Gender socialization among Cambodian parents and teachers of preschool children: Transformation or reproduction. *International Journal of Early Childhood*, 51(1), 93–107. <https://doi.org/10.1007/s13158-019-00234-7>
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201–209. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722006000200010>
- Halim, M. L. D., Martin, C. L., Andrews, N. C. Z., Zosuls, K. M., & Ruble, D. N. (2021). Enjoying each other's company: Gaining other-gender friendships promotes positive gender attitudes among ethnically diverse children. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 47(12), 1635–1653. <https://doi.org/10.1177/0146167220984407>
- Halim, M. L. D., Ruble, D. N., Tamis-LeMonda, C. S., Shrout, P. E., & Amodio, D. M. (2017). Gender attitudes in early childhood: Behavioral consequences and cognitive antecedents. *Child Development*, 88(3), 882–899. <https://doi.org/10.1111/cdev.12642>
- Halim, M. L., Ruble, D. N., Tamis-LeMonda, C. S., Zosuls, K. M., Lurye, L. E., & Greulich, F. K. (2014). Pink frilly dresses and the avoidance of all things “girly”: children's appearance rigidity and cognitive theories of gender development. *Developmental Psychology*, 50(4), 1091–1101. <https://doi.org/10.1037/a0034906>
- Halim, M. L., Ruble, D., Tamis-LeMonda, C., & Shrout, P. E. (2013). Rigidity in gender-typed behaviors in early childhood: a longitudinal study of ethnic minority children. *Child Development*, 84(4), 1269–1284. <https://doi.org/10.1111/cdev.12057>
- Hall, C. (2005). Gender and boys' singing in early childhood. *British Journal of Music Education*, 22(1), 5–20. <https://doi.org/10.1017/s0265051704005960>
- Hallström, J., Elvstrand, H., & Hellberg, K. (2015). Gender and technology in free play in Swedish early childhood education. *International Journal of Technology and Design Education*, 25(2), 137–149. <https://doi.org/10.1007/s10798-014-9274-z>
- Heikkilä, M. (2020). Gender equality work in preschools and early childhood education settings in the Nordic countries: an empirically based illustration. *Palgrave Communications*, 6(1), 1–8. <https://doi.org/10.1057/s41599-020-0459-7>
- Hillesheim, B., & Guareschi, N. M. F. (2007). De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento? Algumas reflexões. *Psicologia da Educação*, 25(2), 75–92. <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43218>
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos De Pesquisas*, 37(132), 595–609. <https://doi.org/10.1590/s0100-15742007000300005>
- Hyun, E., & Choi, D. H. (2004). Examination of young children's gender-doing and gender-bending in their play dynamics: A cross-cultural exploration. *International Journal of Early Childhood*, 36(1), 49–64. <https://doi.org/10.1007/bf03165940>

- Hyun, E., & Tyler, J. M. (2000). Examination of early childhood practitioners' general perception of gender differences in young children. *Journal of Early Childhood Teacher Education*, 21(3), 337–354. <https://doi.org/10.1080/0163638000210305>
- Jeong, J., Franchett, E. E., Ramos de Oliveira, C. V., Rehmani, K., & Yousafzai, A. K. (2021). Parenting interventions to promote early child development in the first three years of life: A global systematic review and meta-analysis. *PLoS Medicine*, 18(5), e1003602. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1003602>
- Josephidou, J. (2020). A gendered contribution to play? Perceptions of Early Childhood Education and Care (ECEC) practitioners in England on how their gender influences their approaches to play. *Early Years: An International Journal of Research and Development*, 40(1), 95–108. <https://doi.org/10.1080/09575146.2019.1655713>
- Karlson, I., & Simonsson, M. (2008). Preschool work teams' view of ways of working with gender: parents' involvement. *Early Childhood Education Journal*, 36(2), 171–177. <https://doi.org/10.1007/s10643-008-0259-y>
- Kerr, D. C. R., Lopez, N. L., Olson, S. L., & Sameroff, A. J. (2004). Parental discipline and externalizing behavior problems in early childhood: the roles of moral regulation and child gender. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(4), 369–383. <https://doi.org/10.1023/b:jacp.0000030291.72775.96>
- Kim, S. J. (2016a). Expanding the horizons for critical literacy in a bilingual preschool classroom: Children's responses in discussions with gender-themed picture books. *International Journal of Early Childhood*, 48(3), 311–327. <https://doi.org/10.1007/s13158-016-0171-3>
- Kim, S. J. (2016b). Possibilities and challenges of early critical literacy practices: Bilingual preschoolers' exploring multiple voices and gender roles. *Journal of Early Childhood Research: ECR*, 14(4), 370–388. <https://doi.org/10.1177/1476718x14552878>
- Kishimoto, T. M., & Ono, A. T. (2008). Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. *Pro-Posições*, 19(3), 209–223. <https://doi.org/10.1590/s0103-73072008000300011>
- Laevers, F., & Verboven, L. (2000). Gender related role patterns in preschool settings. Can 'experiential education' make a difference?. *European Early Childhood Education Research Journal*, 8(1), 25–42. <https://doi.org/10.1080/13502930085208471>
- Lastra, M. G. (2017). La perspectiva de género en la formación inicial del profesorado de educación infantil. Notas sobre una investigación realizada entre el alumnado del grado de magisterio de educación infantil de la universidad de Cantabria (España). *Ex Aequo - Revista Da Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres*, (36), 43–57. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.03>
- Lewin, C., & Somekh, B. (2015). *Teoria e Métodos de Pesquisa Social* (R. A. Rosenbusch, Trad.). Vozes.
- Lorenzini, E. (2017). Pesquisa de métodos mistos nas ciências da saúde. *Revista CUIDARTE*, 8(2), 1549–1560. <https://doi.org/10.15649/cuidarte.v8i2.406>

- Ludke, M., & André, M. E. D. A. (2013). Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In M. Ludke, & M. E. D. A. André (Orgs.), *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas* (2a ed., pp. 11-24). E.P.U.
- Lyttleton-Smith, J. (2019). Objects of conflict: (re) configuring early childhood experiences of gender in the preschool classroom. *Gender and Education*, 31(6), 655–672. <https://doi.org/10.1080/09540253.2017.1332343>
- Määttä, S., Gubbels, J., Ray, C., Koivusilta, L., Nislin, M., Sajaniemi, N., Erkkola, M., & Roos, E. (2019). Children's physical activity and the preschool physical environment: The moderating role of gender. *Early Childhood Research Quarterly*, 47(2), 39–48. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2018.10.008>
- Mansson, A. (2011). Becoming a preschool child: Subjectification in toddlers during their introduction to preschool, from a gender perspective. *International Journal of Early Childhood*, 43(1), 7–22. <https://doi.org/10.1007/s13158-010-0022-6>
- Martin, C. L., Kornienko, O., Schaefer, D. R., Hanish, L. D., Fabes, R. A., & Goble, P. (2013). The role of sex of peers and gender-typed activities in young children's peer affiliative networks: a longitudinal analysis of selection and influence. *Child Development*, 84(3), 921–937. <https://doi.org/10.1111/cdev.12032>
- McCabe, P. C. (2022). Early childhood educators' beliefs about child behavior and adult outcomes related to gender and play. *Psychology in the Schools*, 59(1), 51–75. <https://doi.org/10.1002/pits.22502>
- McFadyen-Ketchum, S. A., Bates, J. E., Dodge, K. A., & Pettit, G. S. (1996). Patterns of change in early childhood aggressive-disruptive behavior: Gender differences in predictions from early coercive and affectionate mother-child interactions. *Child Development*, 67(5), 2417–2433. <https://doi.org/10.2307/1131631>
- Meland, A. T. (2020). Challenging gender stereotypes through a transformation of a fairy tale. *European Early Childhood Education Research Journal*, 28(6), 911–922. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2020.1836589>
- Meland, A. T., Kaltvedt, E., & Reikerås, E. (2019). Toddlers' play in ECEC institutions from a gender perspective. *European Early Childhood Education Research Journal*, 27(2), 241–256. <https://doi.org/10.1080/1350293X.2019.1580335>
- Mérida-Serrano, R., González-Alfaya, M. E., Olivares-García, M. A., Rodríguez-Carrillo, J., & Muñoz-Moya, M. (2020). Sustainable development goals in early childhood education. Empowering young girls to bridge the gender gap in science. *Sustainability*, 12(22), e9312. <https://doi.org/10.3390/su12229312>
- Millan, J. (2012). Birth on the playground: Boys' experiences playing with gender. *The Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 12(1), 1–11. <https://doi.org/10.2989/ipjp.2012.12.1.6.1114a>
- Miller, C. F., Lurye, L. E., Zosuls, K. M., & Ruble, D. N. (2009). Accessibility of gender stereotype domains: Developmental and gender differences in children. *Sex Roles*, 60(11–12), 870–881. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9584-x>

- Monteiro, M. K., & Altmann, H. (2014). Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. *Cadernos De Pesquisas*, 44(153), 720–741. <https://doi.org/10.1590/198053142824>
- Montgomery, J. E., Chaviano, C. L., Rayburn, A. D., & McWey, L. M. (2017). Parents at-risk and their children: intersections of gender role attitudes and parenting practices: Parent gender narratives. *Child & Family Social Work*, 22(3), 1151–1160. <https://doi.org/10.1111/cfs.12332>
- Morawska, A. (2020). The effects of gendered parenting on child development outcomes: A systematic review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 23(4), 553–576. <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00321-5>
- National Institute for Health and Care Excellence. (2012). Appendix H Quality appraisal checklist – qualitative studies. Recuperado em 15 de abril de 2021, de <https://www.nice.org.uk/process/pmg4/chapter/appendix-h-quality-appraisal-checklist-qualitative-studies>
- Nucci, M. F. (2019). Neurocientistas feministas e o debate sobre o “sexo cerebral”: um estudo sobre ciência e sexo/gênero. *Em Construção*, (5), 37–49. <https://doi.org/10.12957/emconstrucao.2019.37439>
- Oliveira, D. S., Oliveira, I. S., & Cattuzzo, M. T. (2013). A influência do gênero e idade no desempenho das habilidades locomotoras de crianças de primeira infância. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27(4), 647–655. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013000400012>
- Ostrov, J. M., Woods, K. E., Jansen, E. A., Casas, J. F., & Crick, N. R. (2004). An observational study of delivered and received aggression, gender, and social-psychological adjustment in preschool: “This White Crayon Doesn’t Work...?”. *Early Childhood Research Quarterly*, 19(2), 355–371. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2004.04.009>
- Panfile, T. M., Laible, D. J., & Eye, J. L. (2012). Conflict frequency within mother–child dyads across contexts: Links with attachment security and gender. *Early Childhood Research Quarterly*, 27(1), 147–155. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2011.06.001>
- Pettit, R. W., & Sugawara, A. I. (2002). Age, gender, socioeconomic status, race/ethnicity, temperament, and actual social and cognitive competence as factors contributing to preservice teachers’ perceptions of preschool children’s social and cognitive competence. *Journal of Early Childhood Teacher Education*, 23(2), 125–136. <https://doi.org/10.1080/1090102020230204>
- Pirard, F., Schoenmaeckers, P., & Camus, P. (2015). Men in childcare services: From enrolment in training programs to job retention. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(3), 362–369. <https://dx.doi.org/10.1080/1350293X.2015.1043810>
- Poblete Núñez, X. (2020). Performing the (religious) educator’s vocation. Becoming the ‘good’ early childhood practitioner in Chile. *Gender and Education*, 32(8), 1072–1089. <https://doi.org/10.1080/09540253.2018.1554180>
- Polít, D. f., Beck, C. T., & Hungler, B. P. (2004). *Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização* (5a ed.). Artmed.

- Pontes, F. A. R., Magalhães, C. M. C., & Martin, W. L. B. (2008). Preferências de crianças no brinqueado de Miriti: a influência do gênero e composição da diáde. *Journal of Human Growth and Development*, 18(2), 170–178. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19879>
- Price-Mohr, R., & Price, C. (2017). Gender differences in early reading strategies: A comparison of synthetic phonics only with a mixed approach to teaching reading to 4–5 year-old children. *Early Childhood Education Journal*, 45(5), 613–620. <https://doi.org/10.1007/s10643-016-0813-y>
- International Prospective Register of Systematic Reviews. (2015). York: University of York. Recuperado em 9 de março de 2021, de <http://www.crd.york.ac.uk/PROSPERO/>
- Rae, J. R., Gülgöz, S., Durwood, L., DeMeules, M., Lowe, R., Lindquist, G., & Olson, K. R. (2019). Predicting early-childhood gender transitions. *Psychological Science*, 30(5), 669–681. <https://doi.org/10.1177/0956797619830649>
- Rantala, A., & Heikkilä, M. (2020). Agency, guidance and gender – interrelated aspects of early childhood education settings. *Education 3-13*, 48(4), 483–493. <https://doi.org/10.1080/03004279.2019.1620305>
- Reddington, S. (2020). Early childhood educators’ understandings of how young children perform gender during unstructured play. *Journal of Childhood Studies*, 45(4), 49–60. <https://doi.org/10.18357/jcs00019142>
- Roberts, A. P., Monks, C. P., & Tsermentseli, S. (2020). The influence of gender and resource holding potential on aggressive and prosocial resource control strategy choice in early childhood. *Frontiers in Education*, 5, e593763. <https://doi.org/10.3389/feduc.2020.593763>
- Ruble, D. N., Taylor, L. J., Cyphers, L., Greulich, F. K., Lurye, L. E., & Shrout, P. E. (2007). The role of gender constancy in early gender development. *Child Development*, 78(4), 1121–1136. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2007.01056.x>
- Sak, R. (2018). Gender differences in Turkish early childhood teachers’ job satisfaction, job burnout and organizational cynicism. *Early Childhood Education Journal*, 46(6), 643–653. <https://doi.org/10.1007/s10643-018-0895-9>
- Sak, R., & Şahin-Sak, İ. T. (2020). Preschoolers’ difficult questions: variations by informant and gender. *European Early Childhood Education Research Journal*, 28(4), 534–547. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2020.1783927>
- Sak, R., Şahin Sak, İ. T., & Yerlikaya, İ. (2015). Behavior management strategies: beliefs and practices of male and female early childhood teachers. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(3), 328–339. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2015.1043807>
- Sandberg, A., & Pramling-Samuelsson, I. (2005). An interview study of gender difference in preschool teachers’ attitudes toward children’s play. *Early Childhood Education Journal*, 32(5), 297–305. <https://doi.org/10.1007/s10643-005-4400-x>
- Sandseter, E. B. H. (2014). Early childhood education and care practitioners’ perceptions of children’s risky play; examining the influence of personality and gender. *Early Child Development and Care*, 184(3), 434–449. <https://doi.org/10.1080/03004430.2013.794797>

- Sandström, M., Stier, J., & Sandberg, A. (2013). Working with gender pedagogics at 14 Swedish preschools. *Journal of Early Childhood Research: ECR*, 11(2), 123–132. <https://doi.org/10.1177/1476718x12466205>
- Santos, S. V. S. (2017). Socialização de gênero na educação infantil: continuidades e rupturas vivenciadas pelas crianças na família, na igreja e na escola. *Educação (UFMS)*, 42(3), 731–750. <https://doi.org/10.5902/1984644428325>
- Santos, S. V. S. dos, & Silva, I. de O. e. (2016). Crianças na educação infantil: a escola como lugar de experiência social. *Educação e Pesquisa*, 42(1), 131–150. <https://doi.org/10.1590/s1517-9702201603137189>
- Santos, S. V. S. dos, & Silva, I. de O. e. (2020). Relações de gênero na Educação Infantil: estrutura e agência no processo de construção de sentidos sobre ser menino e ser menina. *Educar Em Revista*, 36, e69973. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.69973>
- Sargent, P. (2004). Between a rock and a hard place: Men caught in the gender bind of early childhood education. *The Journal of Men's Studies*, 12(3), 173–192. <https://doi.org/10.3149/jms.1203.173>
- Sarmiento, M. J. (2005). Crianças: educação, culturas e cidadania ativa. *Perspectiva*, 23(1), 17–40. <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Schroeder, M., Graham, S. A., McKeough, A., Stock, H., & Palmer, J. (2010). Gender differences in preschoolers' understanding of the concept of life. *Journal of Early Childhood Research: ECR*, 8(3), 227–238. <https://doi.org/10.1177/1476718x10366766>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71–99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Servos, J. E., Dewar, B. A., Bosacki, S. L., & Coplan, R. J. (2016). Canadian early childhood educators' perceptions of young children's gender-role play and cultural identity. *Journal of Early Childhood Research: ECR*, 14(3), 324–332. <https://doi.org/10.1177/1476718x15579740>
- Shaffer, D., & Kipp, K. (2013). *Developmental psychology: Childhood & adolescence* (9a ed.). Heinle.
- Silva, D. R. Q. da, & Bertuol, B. (2015). Siempre estás llorando, ¿eres de azúcar? Pedagogías de género en la educación infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*, 68, 137–150. <https://doi.org/10.35362/rie680208>
- Silva, F. F. da, & Ribeiro, P. R. C. (2014). Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. *Ciência & Educação (Bauru)*, 20(2), 449–466. <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>
- Silva, J. P. A. da, Carmo, V. M. do, & Ramos, G. B. J. R. (2021). AS QUATRO ONDAS DO FEMINISMO: LUTAS E CONQUISTAS. *Revista de Direitos Humanos Em Perspectiva*, 7(1), 101–122. <https://doi.org/10.26668/indexlawjournals/2526-0197/2021.v7i1.7948>
- Simpson, A., & Linder, S. M. (2016). The indirect effect of children's gender on early childhood educators' mathematical talk. *Teaching and Teacher Education*, 54, 44–53. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2015.11.011>

- Skeen, P., Robinson, B. E., & Coleman, M. (1986). Gender-role attitudes of professional female educators toward men in early childhood education. *Psychological Reports*, 59(2), 723–730. <https://doi.org/10.2466/pr0.1986.59.2.723>
- Smith, J., McLaughlin, T., & Aspden, K. (2019). Teachers' perspectives of children's social behaviours in preschool: Does gender matter?. *Australasian Journal of Early Childhood*, 44(4), 408–422. <https://doi.org/10.1177/1836939119870889>
- Storli, R., & Sandseter, E. B. H. (2017). Gender matters: male and female ECEC practitioners' perceptions and practices regarding children's rough-and-tumble play (R&T). *European Early Childhood Education Research Journal*, 25(6), 838–853. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2017.1380881>
- Sugawara, A. I., Burt, L. M., & Ruder, T. P. (2000). Ethnicity, gender, age, ses, and activity type as factors contributing to early childhood preservice teachers' interactions with international and u.S. Preschool children. *Journal of Early Childhood Teacher Education*, 21(1), 107–117. <https://doi.org/10.1080/0163638000210112>
- Suto, C. S. S., Paiva, M. S., Porcino, C., Silva, D. de O., Oliveira, J. F. de, & Coelho, E. A. C. (2021). Análise de dados em pesquisa qualitativa: aspectos relacionados a triangulação de resultados. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 10(2), 241–251. <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v10i2.3863>
- Tennhoff, W., Nentwich, J. C., & Vogt, F. (2015). Doing gender and professionalism: Exploring the intersectionalities of gender and professionalization in early childhood education. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(3), 340–350. <https://doi.org/10.1080/1350293X.2015.1043808>
- Todd, B. K., Barry, J. A., & Thommessen, S. A. O. (2017). Preferences for 'gender-typed' toys in boys and girls aged 9 to 32 months: Young children's 'gender-typed' toy preferences. *Infant and Child Development*, 26(3), e1986. <https://doi.org/10.1002/icd.1986>
- Trawick-Smith, J., Wolff, J., Koschel, M., & Vallarelli, J. (2015). Effects of toys on the play quality of preschool children: Influence of gender, ethnicity, and socioeconomic status. *Early Childhood Education Journal*, 43(4), 249–256. <https://doi.org/10.1007/s10643-014-0644-7>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., ... Straus, S. E. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/m18-0850>
- Umek, L. M., Fekonja, U., Kranjc, S., & Bajc, K. (2008). The effect of children's gender and parental education on toddler language development. *European Early Childhood Education Research Journal*, 16(3), 325–342. <https://doi.org/10.1080/13502930802292056>
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. (2020). 40 milhões de crianças sem acesso a cuidado na primeira infância devido à Covid-19. UNICEF. Recuperado em 20 de maio de 2021, de <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/40-milhoes-de-criancas-sem-acesso-cuidado-na-primeira-infancia-devido-pandemia#:~:text=O%20acesso%20a%20cuidados%20na,os%20seis%20anos%20de%20vida>

- Van der Wilt, F., van Kruistum, C., van der Veen, C., & van Oers, B. (2016). Gender differences in the relationship between oral communicative competence and peer rejection: an explorative study in early childhood education. *European Early Childhood Education Research Journal*, 24(6), 807–817. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2015.1073507>
- Vasconcelos, D. C. de, Borges, L. C., & Salomão, N. M. R. (2020). O professor homem na Educação Infantil: o que pensam pais, mães e educadoras?. *Zero-a-Seis*, 22(42), 480–506. <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p480>
- Vianna, C., & Finco, D. (2009). Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, 33, 265–283. <https://doi.org/10.1590/s0104-83332009000200010>
- Villodre, M. del M. B. (2020). Formación para la equidad de género: una experiencia mediante coreografías en el Grado de Educación Infantil. *DEDiCA Revista de Educação e Humanidades (Dreh)*, (17), 231–254. <https://doi.org/10.30827/dreh.v0i17.7909>
- Waller, T. (2010). ‘Let’s throw that big stick in the river’: an exploration of gender in the construction of shared narratives around outdoor spaces. *European Early Childhood Education Research Journal*, 18(4), 527–542. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2010.525953>
- Wanderlind, F., Martins, G. D. F., Hansen, J., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2006). Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(34), 263–273. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2006000200014>
- Wanless, S. B., McClelland, M. M., Lan, X., Son, S.-H., Cameron, C. E., Morrison, F. J., Chen, F.-M., Chen, J.-L., Li, S., Lee, K., & Sung, M. (2013). Gender differences in behavioral regulation in four societies: The United States, Taiwan, South Korea, and China. *Early Childhood Research Quarterly*, 28(3), 621–633. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2013.04.002>
- Warin, J. (2019). Conceptualising the value of male practitioners in early childhood education and care: gender balance or gender flexibility. *Gender and Education*, 31(3), 293–308. <https://doi.org/10.1080/09540253.2017.1380172>
- Warin, J., & Adrian, V. (2017). Gender flexible pedagogy in early childhood education. *Journal of Gender Studies*, 26(4), 375–386. <https://doi.org/10.1080/09589236.2015.1105738>
- Williams, S. W., & Ogletree, S. M. (1992). Preschool children’s computer interest and competence: Effects of sex and gender role. *Early Childhood Research Quarterly*, 7(1), 135–143. [https://doi.org/10.1016/0885-2006\(92\)90023-r](https://doi.org/10.1016/0885-2006(92)90023-r)
- Wohlgemuth, U. G. (2015). Why do men choose to become pedagogues? A profession continuously in pursuit of male colleagues. *European Early Childhood Education Research Journal*, 23(3), 392–404. <https://doi.org/10.1080/1350293x.2015.1043813>
- Xu, Y. (2020). Does the gender of a practitioner matter in early childhood education and care? Perspectives from Scottish and Chinese young children. *Children & Society*, 34(5), 354–370. <https://doi.org/10.1111/chso.12371>

- Xu, Y., & Waniganayake, M. (2018). An exploratory study of gender and male teachers in early childhood education and care centres in China. *Compare*, 48(4), 518–534. <https://doi.org/10.1080/03057925.2017.1318355>
- Zachopoulou, E., Trevlas, E., & Tsikriki, G. (2004). Perceptions of gender differences in playful behaviour among kindergarten children. *European Early Childhood Education Research Journal*, 12(1), 43–53. <https://doi.org/10.1080/13502930485209301>
- Zandomínegue, B. A. C., Barbosa, R. F. M., & Mello, A. da S. (2020). Participação-escuta das crianças na Educação Infantil. *Research, Society and Development*, 9(7), e06973758. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3758>
- Zmyj, N., & Bischof-Köhler, D. (2015). The development of gender constancy in early childhood and its relation to time comprehension and false-belief understanding. *Journal of Cognition and Development: Official Journal of the Cognitive Development Society*, 16(3), 455–470. <https://doi.org/10.1080/15248372.2013.824881>
- Zupančič, M., & Kavčič, T. T. (2005). Gender differences in personality through early childhood: A multi-informant perspective. *Horizons of Psychology*, 14(2), 11–38. http://psiholoska-obzorja.si/arhiv_clanki/2005_2/zupancic.pdf

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS (especificar cada contribuição, de acordo com as normas da revista: **CRedit (Contributor Roles Taxonomy)** que é mantido pelo **Consortia for Advancing Standards in Research Administration Information (CASRAI)** Exemplos abaixo:

Autora 1 – Coordenadora do projeto, participação durante todo processo da pesquisa e da escrita do texto.

Autor 2 – Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 3- Análise dos dados e revisão final do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.